

LISBOA
15 OUTUBRO-1919
ANO I-N.º 5

O RISO D'A VITÓRIA

DIRECTORES
JORGE BARRADAS
HENRIQUE ROLDÃO

A REGULAMENTAÇÃO DO JOGO



— O cavalheiro faz-me favor vai pôr esta crôa a «cavalo» no cinco e oito...

(Desenho de Stuart Carvalhaes)

COMPOSIÇÃO: TRAVESSA DO CORPO SANTO, 9
IMPRESSÃO: RUA DO CORPO SANTO, 46

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO:
CAIS DO SODRÉ, 52
PROPRIEDADE DE «A VITÓRIA» LIMITADA

ANÚNCIOS: CONTRACTO ESPECIAL
TEL.-C: REDACÇÃO 5104 ADMINISTRAÇÃO: 5103

A SOLDADO

O *Nuevo Mundo* revista que se publica em Madrid trouxe-nos esta notícia que nos deixou banzados:

«Los portugueses obedeciendo a la consigna de su protectora Inglaterra, atacan el bolchevismo. Hasta ahora, em broma, mañana, talvez en serio, quando a los paivantes sucedan los «bolcheviques». Por de pronto, el periodico germanizado de presentacion a los *Simplificissimas* — lo *Riso*, un dibujante acusa a los Soviets de declarar el agua artículo de lujo».

E nós a fazermos ginástica com os miólos para que a tiragem aumente a fim de ser menos pesada a despeza! E nós a perder a noite em busca de assuntos que façam rir quem de rir precisa! Sempre somos muito tolos! Estar agora com tanto trabalho, tanta canseira, tanta ralação, quando temos aí a chegar uma ordem bancaria da Gran-Bretanha com três mil ou cinco mil libras! Já é burrice! Mas emfim, havemos de as gastar o mais

depresso possível e pedir nova remessa! Isso é que vai ser uma pândega rasgada! Todos os dias iremos almoçar á Garrett, jantar ao Palace e ceiar ao Tavares, teremos criados ás ordens, cocheiro, trintanário, uma amante paga em dia, grandes fornecimentos de peles e pedras caras, fumaremos daquêles charutos que se mete uma ponta na boca na Rua do Ouro e para o acender é preciso ir a Campo de Ourique, emfim, será uma vida de nababo, sem pensar mais na renda da casa, no preço do fato nem na numeración do lado direito das comidas.

Mas também porque é que o *Nuevo Mundo* não nos avisou mais cedo? Sabendo o illustre colega que nós estamos a soldo da Inglaterra, se nos tivesse avisado já teriamos metido um vale só para irmos a Madrid vêr o Gallito e comprar algumas moedas de cinco tostões em prata!

mas o homem respondia sempre que tinha estado fóra.

Veio um juiz e disse-lhe: «Não minta. Como explica você que não estava em casa...»

— «Mas é que — interrompeu o interrogado — eu ainda não disse que não estava em casa nêsse momento.»

Murmúrios. Um dito do cabo da esquadra. Olhares. Um espirro...

— «Você é que está farto de o dizer — resmungou zangado o juiz — Tem repetido constantemente que estava fóra. Como se entende que estando fóra estava em casa?»

— «Oh! sr. dr. juiz — explicou suando o vizinho do 1.º andar — eu estava em casa mas estava fóra de mim, estava zangado. Nessas condições não dava atenção a nada, que a meu redor se passava...»

Murmúrios. Outro dito de cabo de esquadra. Outro espirro...

Na casa da morta, ás horas mortas, passou-se minuciosa busca. Nêste momento a porta queixou-se de que era violada e um homem alto lá com êle entrou.

Tinha uma barba daquelas que se costumam pôr de mólho quando as do vizinho estão a arder e era muito senhor do seu nariz, não dando ouvidos a ninguém porque os queria só para êle. O fato que vestia era castanho de apanhar castanhas e sobretudo o sobretudo era comprido demais para êle o que não admirava, porque era um sobretudo inglês e como sabem os ingleses são mais altos do que os portugueses.

O polícia que andava examinando a casa da defunta puxou duma pistola e avançou, dizendo:

- Quem é você?
- Sou o Sá.
- Onde mora?
- Na Sé.
- Com quem vive?
- Só.
- E tem medo?
- De si.

O polícia era uma criatura que costumava deixar á noite o sangue metido num frigorífico para no dia seguinte ter o sangue frio necessário para a sua acção policial. Por isso não tugi nem mugiu, mesmo porque não queria mugir para não acordar as vacas da leitaria que dormiam na loja do mesmo prédio. E baixinho perguntou ao recém-chegado:

- Foi você o assassino?
- Sim!
- Horror!
- E como? Como matou a infeliz que não apresenta um único golpe?
- Dei-lhe a comer uma faca de papel num pão de ló que mandei

vir de lá (e apontou para as bandas de Aveiro).

— Conta, assassino — disse-lhe o polícia sempre de revólver em punho — conta o teu nefando crime.

Sentaram-se para assentar bem na questão.

O assassino começou:

— Eu amava-a. Ela não me amava, costume que tivera sempre, pois já em pequenina a mãe se vira obrigada a criá-la a biberon. Era muito pobre, muito. Há dois anos tentei suicidá-la, mas quê! não contei com o pior. Como a rapariga era muito pobre, berrou ao sentir-se ferida, olhou em redor, mas como não tinha onde cair morta, decidiu não morrer. Foi então que eu lhe dei esta casa. Agora decidi matá-la outra vez e matei-a por dentro para não deixar vestígios. Feri-a no seu amor próprio e caiu imediatamente morta.

O polícia que morava na rua da Madalena, desatou a chorar como o nome da rua, enquanto o assassino fazia cócegas ao cadáver a ver se conseguia aquecê-lo e dar-lhe um arzinho de riso.

UM INEXPLICÁVEL CRIME DE AMOR

Por ALFREDO ABRIL

Quando a vizinha do 3.º andar descia a escada com um guarda da praça, encontrou uma praça da guarda que lhe perguntou se conhecia a moradora do 2.º andar. Disse-lhe que sim: — «É a Berta. — É a do 3.º andar saiu em direcção ao mercado.

Quando regressou a casa, viu a porta da Berta aberta o que lhe chamou a atenção. Espreitou. A Berta estava no chão inanimada. No 1.º andar um homem que ela não via mas que lhe parecia ser baixo a calcular pela voz porque a tinha disso, berrava, dava socos sobre uma mesa, deputadeava emfim... A vizinha do 3.º andar desatou a gritar por socorro e imediatamente da freguezia do Socorro entraram várias pessoas que não quizeram acreditar á primeira vista que ela estivesse morta. Chamaram em auxilio a segunda vista. Olharam. Oh! não! Aproximaram-se. A Berta tinha as mãos fechadas e nelas um papel amarrotado, fino. Tiraram-lho. Era a certidão de óbito. Ainda não acreditaram. Foi então que um dos presentes que lhe tinham dado vários presentes nos dias de anos, teve uma ideia ge-

nia! para ter a certeza. Acercou-se da inanimada criatura e perguntou-lhe:

— «É certo que estás morta, Berta?»

A cabeça do cadáver fez um sinal afirmativo. Não restava agora a menor dúvida. Ninguém melhor do que o cadáver o poderia saber. Morrera a Berta!

.....
Algumas horas depois a polícia indagava. A tal vizinha do 3.º andar lembrou-se então de que quando subia a escada, no 1.º andar um homem vociferava. E disse-o ao ouvido do polícia para que ninguém ouvisse, nem o próprio polícia...

.....
Alguns minutos depois o citado polícia interrogava o homem do primeiro andar, direito, que era torto como as coisas tortas. Êle respondia invariavelmente:

— «Estava fóra. Não sei nada. Estava fóra.»

Desconfiaram dêle. Dali foi removido para a esquadra. O cabo da esquadra, conhecidíssimo pelos seus ditos que toda a gente cita, começou com os interrogatórios,



Stuart Carvalhoes

O belo desenho que hoje ilustra a primeira página do nosso quinzenário, é devido ao habil lapis do illustre artista Stuart Carvalhoes, já de há muito consagrado entre os nossos desenhadores, e a quem o «Riso da Vitória», patenteia o seu grande apreço, admiração e reconhecimento.

AOS VATES CONCURSO DE VERSOS ESTU- PIDOS

Em vista da enorme quantidade de colaboração em verso que recebemos diariamente, e á qual não damos publicidade para não criar um género novo de literatura, resolvemos abrir um *Concurso de versos estúpidos* com o prémio de *cem escudos* para o melhor no género e *cinquenta escudos* para o imediatamente inferior.

A primeira vista parece fácil, mesmo aos vates experimentados, ganhar essa quantia, mas, pensando bem, não-de concordar que a prova é dura, e o concurso não é tão disparatado como a princípio se julga.

Querer fazer versos bons e saírem estúpidos é precalço que acontece a todos os poetas; mas fazê-los estúpidos de propósito — mesmo com o fito de ganhar cem escudos — e os mais estúpidos de todos, entre mil ou dois mil, é façanha só comparável ao *raid* Lisboa-Guiné, que a não se fazer por debaixo do chão, pelo ar, não acreditamos que se faça.

As condições do concurso são as seguintes:

Duas quadras sobre qualquer assunto á escolha do corrente.

Metro á vontade.

Rima obrigatória.

Escrita legível e fraseado decente.

O júri será formado por:

Um poeta (reconhecido por tabeirão).

Um comerciante e um jornalista.

Os analfabetos devem vir recomendados por um poeta de categoria, com 3 livros pelo menos publicados, e um no prélo.

Este programa pode ser alterado por qualquer motivo imprevisto.

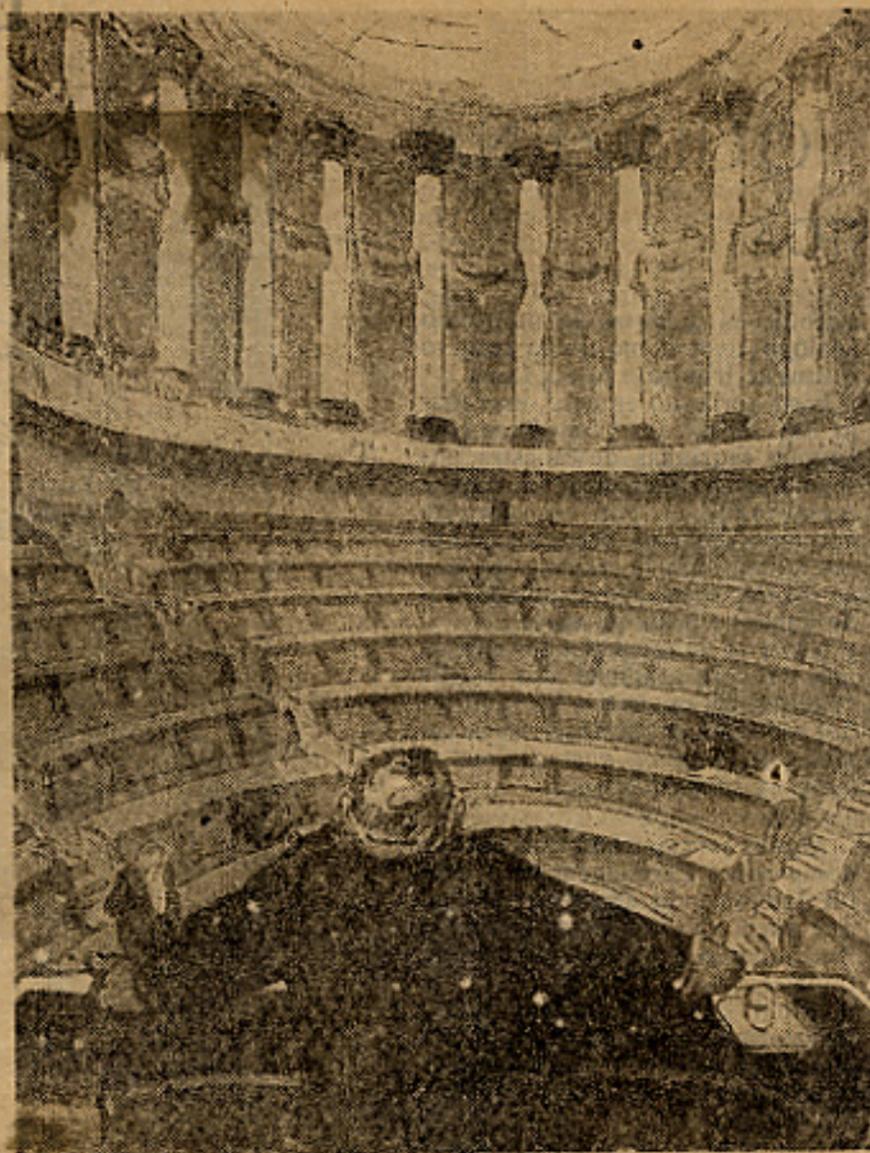
Os originais recairão á Torre do Tombo.



HERMANO NEVES

Partiu no dia 14 para a Alemanha e Rússia o nosso querido amigo e director da mamã *Vitória*, Hermano Neves. Qual novo *Edipo*, Hermano pretende na sua viagem desvendar o segredo da *Esfinge-Russa*, e se o público pela pena brilhante de João Bastos já conhece um pouco o que é esse país visto pelo lado humorístico, dentro em breve saberá pelas cartas de Hermano Neves o que a Rússia é de verdade. Ao amigo e ao audaz jornalista as saudações do *Riso* e dos seus directores.

O RISO DOS OUTROS



—Trata-se de graves assuntos! E' ao País inteiro que me dirij!

... LÁ COMO CÁ...

(Do *Rire de Paris*).

O FIEL AMIGO DESABAFOS DUM MORIBUNDO

Estou a vê-lo, acolá, recostado numa cadeira, pálido, ofegante, falando a custo, com uma voz debil de quem se despede d'este mundo. Introduziu-se em minha casa de uma maneira original: no cabaz das compras da mercearia, donde saiu para me surpreender no escritório.

Não o reconheci, nem pelo cheiro. —Sou eu, o *fiel amigo*—dizia-me êle a soluçar—e não quero morrer sem te pedir um favor.

Pul-o á vontade. Abri a janela, tapei o nariz e perguntei-lhe a que devia tão inesperada visita.

Limpou o salitre que lhe brilhava no dorso e, a espaços, foi desfiando a sua narrativa.

—Tu sabes bem—começou êle—quanto me tenho sacrificado pela vida fora.

Democrático de nascença, sofreu no outro regime, com uma paciência evangélica, todas as perseguições de que fui vítima.

Albardaram-me, partiram-me ás postas, coseram-me, assaram-me, e as *desfeitas* a que me sujeitaram não tem conto!

Nessa altura conspirava-se contra a monarquia, e o meu auxilio era tão precioso que andei de boca em boca nos comícios e de pena em pena nos jornais.

A nobresa odiava-me; o clero só me reconhecia ás sextas-feiras e apenas o povo, o bom povo me acolhia com carinho e me levava á sua mesa!

Porque será—dizia eu com as minhas batatas—que me não consideram como ao outro peixe?

E por entre os dentes de alho que me rodeavam, soltei muito suspiro de desânimo!

Alfim raiou a aurora redentora! Cheio de entusiasmo reuni os da minha espécie e falei assim:

Rapazes! Nós como revolucionários civis mais antigos vamos oferecer os nossos serviços, divididos em grupos, aos nossos antigos chefes, leais republicanos e reconhecidos democráticos.

Um por todos e todos por um! Reunidos em fardos, fomos aceites com explosões de alegria. Eramos a realização prática do ideal

apregoado: o bacalhau *Messias*; o bacalhau a tostão!

Aquartelaram-nos em grandes armazens e ali nos foram deixando estar.

Decorreram nove anos.

Nove anos de anciedade sem sabermos o que haveria cá por fora.

De vez em quando ouviamos tiros. Será outra vez a monarquia? Mas logo novos fardos de colegas que iam chegando, nos tranquilizavam, pondo-nos ao corrente dos sucessos da República.

Uma noite—como é bom recordar!—tivemos uma grande alegria. Começaram a entrar nos armazens muitos sacos com batatas. Foi por elas que soubemos que havia guerra com a Alemanha. Mais tarde hospedava-se lá muito açúcar e contava-nos que se tinha feilo a Paz. Já não havia lugar para uns sacos de farinha que vinham pernoitar junto de nós e seguiram para Espanha.

Finalmente, há duas semanas, pararam á porta uns camions, e o nosso patrão, chegando ao armazem gritou: Fiel amigo! Raiou emfim o sol da liberdade. Como bom republicano aqui vos tenho guardado até o dia em que pude cumprir a nossa antiga promessa: Hurrah pelo bacalhau a tostão!

Loucos de contentamento saltamos para os camions que nos distribuíram pelas mercearias, mas, oh ingratidão dos homens! A nossa passagem tapavam o nariz e ninguém nos reconheceu! Não foi esta a República que nós sonhámos!

—Mas,—interrompi eu,—o amigo não vê que está completamente decomposto, que nem cães o podem tragar?

Ele ergueu-se num último esforço e levantando as barbatanas num gesto teatral exclamou:

—Como é que tu querias bacalhau a tostão se não fosse pôdre?! E morreu.

Soube hoje que os desgraçados bacalhoeiros também estão pôdres... de ricos!

Proponho que á rua dêles passe a chamar-se:

«Rua dos Beneméritos da República.»

J. B.



POSTA-RESTANTE

A. G. LIRIO-ROXO.—Meta-se á ourives que para esta coisa não tem jeito.

ERNESTO PEREIRA.—A secção já acabou.

JOSÉ ALVES.—E' grande e não tem graça.

IGNOTUS... O que é demais não presta...

GUY M. RATO.—Demasiado longo.

JOÃO D'ALEM.—O assunto não vale o espaço.

JOSÉ RITA... ficou da côr dum burro quando fôge...

MARIUS.—Logo dois! Se ainda, fosse só um...

DANIEL SANTOS SOUSA.—Não merecem não renhor.

REVISTA DA QUINZENA (CRÓNICA)

Ecos de festa. Nos ouvidos o som do último moiteiro, na retina o derradeiro grito de luz arrancado aos metais das espadas e capacetes da tropa em marcha. Aqui e acolá bandeiras perdidas numa e noutra janela; tremulando ao vento. Ainda um viva á República e... tudo morre.

A cidade batida pelas primeiras chuvas do outono, descança o corpo moído das caminhadas, dos apertões e dos folguedos que estes quatro dias de fraterna rapieca lhe proporcionaram, lamentando — quem sabe! — que o 5 de Outubro de 1910 não tivesse durado, pelo menos, quatro anos, para levarem igual tempo a festejá-lo por esses lustres fóra.

Há, em todas as manifestações, uma coisa que me comove mais do que os discursos e muito mais ainda do que os moiteiros: os *vivas*.

Um *viva* é sempre um brado de gratidão, uma expressão musical do reconhecimento.

Há *vivas* cujo gráfico daria uma figura perfeita e, ás vezes, mais que perfeita *com posta*. São os que saem do estômago; dão-se indiferentemente a todos os regimes, inclusivé ao vegetariano.

Foi a parte sentimental da festa: a gratidão!

Quatro dias benditos! Quatro dias em que a República só teve amigos que a festejassem, dando-lhe *vivas*, saudando-lhe as tropas, gozando-lhes os feriados.

Quatro riquíssimos dias de sol, ordem, fraternidade e paz!

E agora que as festas acabaram toca a enervá-la de novo com poltíquices, com grèves, com boatos e revoluções. Sim, porque... amigos, amigos, mas *negócios* áparte.

Os factos vão-se encarregando, dia a dia, de pôr em cheque a lei da separação.

Hontem o serviço prestado pelos sacerdotes em campanha; ante-ontem pelas irmãs de caridade nos hospitais militares e um dia destes pela coragem do reverendo pároco de Azambuja que, segundo conta o *Diário de Notícias*, sendo surpreendido por uma manada de touros quando acompanhava um enterro, ao passo que todos fugiam, êle, não arredou pé do seu posto, evitando, sem saber como, que o defunto fosse colhido dentro das táboas do caixão.



Não está prevista, decerto, pelas leis canónicas uma tal ocorrência, o que impede o padre de prestar mais um serviço a dentro das suas

atribuições piedosas se num caso análogo tiver como único recurso o sangue frio ou a fé em Deus.

Fácil seria, no entanto, exercitá-lo nas cêrcas dos Seminários com simples tourinhas de canastra, ensinando-o a fazer uso da capa e permitindo-lhe, por estarem em harmonia com os preceitos católicos, o emprêgo da *verónica*, do *pase de rodillas* e em acompanhamentos de finados a *sorte de morte*.

Não virá longe o dia em que tenha de acrescentar-se aos banais convites de enterro o tranquilizador esclarecimento: *O serviço de capote está a cargo dum dos nossos melhores bandarilheiros*.

Alguns jornais choraram porque desapareceu a estalagem dos Camilos denunciando assim ao público que quem vive das letras não pode frequentar o Bristol ou o Hotel de Inglaterra.

Afinal não desapareceu nada; transformou-se, subiu de posto; foi elevada á categoria de hotel. Por exigência das lavadeiras? Dos burros? Quem sabe!

Nos tempos que vão correndo não devemos admirar-nos de que as filhas de Loures e Pero Pinheiro requisitem colchões de arame e *hors-d'œuvre*, e os respectivos orlhudos reclamem trouxas de ovos e aquecimento central, o que não podia fazer-se num simples pátio com uma mangedoira e um telheiro.

Daqui a um ano chamar-se-há *Camilos-Palace* e — sabe Deus! — quanto burro e quanta lavadeira ali jantando em *tête-à-tête*!

Vem agora a pêlo a questão dos oficiais de barbeiro.

Uns pegam na tesoura e dizem *mata*; outros empunham a navalha e gritam *estola*!

Os carecas riem dos primeiros, os barbados troçam dos segundos. Ser, ao mesmo tempo, careca e barbado é, neste momento o mesmo que possuir durante a guerra europeia uma resalva definitiva, ou depois da Paz, um ataque de diabetes.

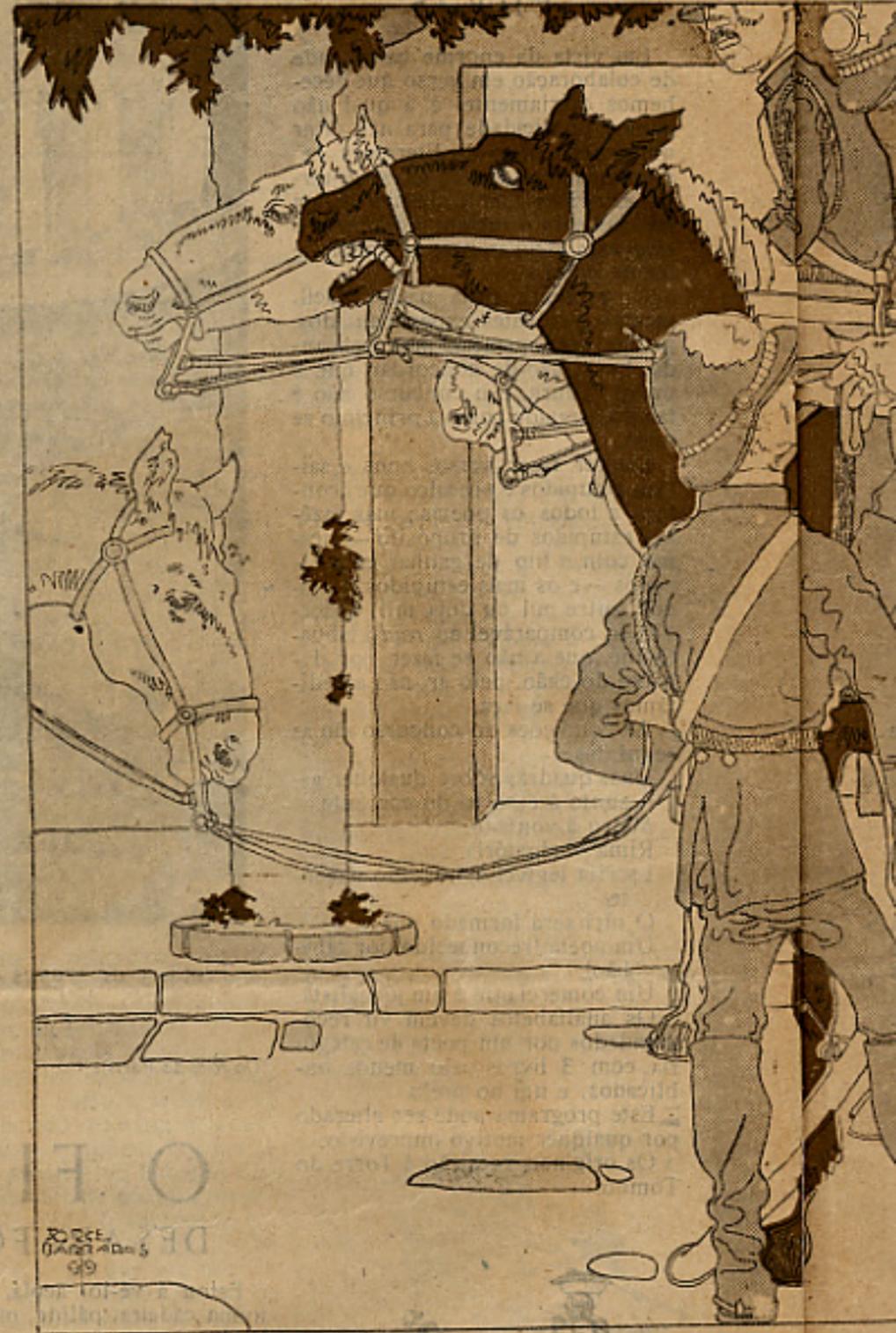
Os *figaros* estão a amolar o caso e, mais dia menos dia, ou lhes dão o que êles pedem ou vão para a greve.

Projectam-se actos de *sabotage*. Uns qüerem cortar o cabelo aos relógios com o fim de diminuir as horas de trabalho; outros resolveram cariar os dentes dos pentes e encravá-los nas máquinas de abrir trincheiras na cabeça.

Os mais exaltados lembraram o gramofone permanentemente.

Afinal para quê, se êles, como o outro que diz, teem a faca e o quelxo na mão!

Nada de manifestações; pêlo contrário, conservem-se no seu lugar,



— O' 23! Já perguntaste ao nosso major a

como dantes, tratando o ireguês com toda a delicadesa até êle se sentar. Passem-lhe a toalha em volta do pescoço mas, desta vez,



que a navalha anda a dar o seu giro nos arrabaldes das carótidas, perguntem-lhe sorridentes: *dás os dois tostões ou não dás?* O paroqueano acha um piadão, lembra-se da família e do preço das urnas de mogno e dá até tudo e... oito tostões se lhe pedirem.

Com os côrtes de cabelo e na altura de frisar os bigodes, idem, cadem, idem.

Dou-lhes este conselho, meus amigos, por vinte e quatro razões a saber:

- 1.^a — Comprei uma Gilette.
 - 2.^a — Resolvi usar trança.
- Parece-me que não é preciso explicar as vinte e duas que faltam.

Nas corporações dos bombeiros, segundo dizem, *arden Trola!* Porquê? Não se sabe.

O governo, como de costume, resolveu o assunto de pé para a mão e, a meu vêr, com vantagens para

bem amarrada á cadeira. Ensa- boem-lhe a cara e, na altura em e, a meu vêr, com vantagens para

DA PARADA



gundo dizem, ainda não é o definitivo; segue por escala de tamanhos e grossuras.

Hoje vinte centímetros de cano de gás em borracha, amanhã aquilo cresce e avoluma, nasce-lhe na ponta uma moça, a moça cria uns espinhos, os espinhos endurecem, e lá para o Natal—na altura da Pacificação da Família Portuguesa—está uma destas mocas da dança da luta que não há *tank* que lhe leve a melhor.

Por ora é um objecto de luxo que não tem aplicação prática na manutenção da ordem. Como é de borracha apenas se emprega para apagar os gritos subversivos que aparecem pelas paredes.

Qualquer dia o Chico da Trabuqueta aparece de sabre á cinta em plena rua do Ouro a dizer para o polícia de serviço: «Mete-te agora comigo, anda!»

Já a noite passada ouvimos um grupo daqueles *touristes* recém-chegados da Africa, a cantar á porta duma esquadra:

*E' cau!
E' cau!
E' cau é cautechú
.....*

O resto não se pode dizer, porque, para mais... rima e é verdade!

J. B.

(Ilustrações de Stuart Carvalhas)

OS FESTEJOS DA REPÚBLICA

(CARTAS DUM FORASTEIRO)

Meus filhos:

Cá cheguei a Lisboa para ver as festas da República. Quando o comboio chegou a Compolide, (que é uma estação onde os políticos costumam fazer partida ás manifestações) fiquei muito assustado por que lá para os lados da cidade era cada tiro que metia medo. Então disseram-me que aquilo era festa e eu fiquei ainda mais assustado pois ainda me lembro de ler nos jornais que quando foi da festa do 14 de maio e do 5 de Dezembro morreu muita gente. Mas como o comboio era rapido, enchi-me de coragem e lá fui pelo tunel dentro.

Quando desembarquei vi logo que estava na capital. Tudo ás escuras, muitos policias, e caá viva que até dava vontade de morrer.

O Rossio está muito mudado, nem já parece o mesmo que a gente conhece dos postais. Dizem por cá que foi a formiga branca que entrou com ele.

Quando cheguei a casa do vosso tio para dormir, reparei que me tinham roubado o relógio, mas o vosso tio disse-me que não dissesse nada a ninguém senão era preso! A cidade é uma grande coisa! Quando estava a dormir, rebentam

mais festas lá para o lado do mar. Soube depois que estavam a meter um navio carregado de carvão no fundo, porque os bombeiros não estavam para ir apagar o fogo. Logo no dia seguinte de manhã não bebi café porque não havia açúcar, e não almocei porque a comida aqui está muito cara, mas enfim vai-se vivendo.

Assim que cheguei á rua vi uns homens que estavam a deitar mais festas para o ar. Como eram para o ar não faziam mal senão aos vidros que ficavam em bocadinhos. A gente aqui é toda muito reinadia. Como não havia mais nada que ver, á noite fui-me deitar muito contente com os festejos. No outro dia pela manhã começou uma parada ás seis horas da tarde, e isso é que foi bonito. Os soldados daqui não são como os dahi da terra, parecem uns generais, todos cheios de cordões e de coisas a luzir. Cada um tem uma metralhadora, uma espingarda, um canhão e um revolver. Perguntei para que era aquilo tudo e disseram-me que era para garantir a ordem, e eu então disse que a ordem se mantem pelo respeito, e mal eu acabo de dizer isto, um homem que estava ao pé de mim, dá-me um grande soco, chamou-me tallas e eu tive que fugir para não ser preso. Soube depois que o tal homem já tem feito uma data de republicas.

Depois da parada fui ao teatro mas como eu não dissesse nada, disseram-me assim: «Cala a boca urso!» Depois fui ver as iluminações que estavam muito bonitas. O Banco Colonial estava lindo. Parecia mesmo o presepio que o Miguel fez aí no Natal que passou! Depois fui ver o fogo ao Terreiro do Paço. Como estava tudo apagado metia muita vista, mas ouvi dizer que o fogo do Depósito de Fardamentos foi mais bonito. Amanhã vou ver o dr. Bernardino Machado e do que se passar mandarei dizer.

Saudades a todos e um abraço do vosso pai.

ADÃO.

P. S.—Mandem as cartas com oito dias de antecedência que é para eu ter notícias de seis em seis meses.

A.

vosso major a quem se dão os vivas este ano?

todos os lados, applicando-lhe o *similia similibus* homeopático: fogo com fogo se apaga. Se é no mar, fogo de canhoneira; se é em terra, fogo de artilharia.

Isto de apagar um incêndio com água era um disparate contra o qual a Companhia vinha há muito barafustando e, aqui para nós, com carradas de razão. Gastando-lhe a água em fogos como é que ela fazia andar os contadores?

A rapaziada voluntária, já largou os machados e capacetes, o que permitirá que os municipais ganhem sempre o primeiro prémio mesmo que cheguem depois. Mas quem nos diz que começam a fazer cerimónias e... nem uns nem outros?

Chegaremos a ver neste país alguém que, por brio profissional, não *azeite a escada* ou não *estenda a mangueira*?

Já viram como eles andam tristes e, — o que é mais — comprometidos?

tes e, — o que é mais — comprometidos?



Nem se arriscaram a estrear tudo duma vez; vai a prestações.

Primeiro foi o *casse-tête* e, se-



NO MESMO ESTILO... CRÍTICA D'ARTE
SECCÃO MUSICAL

Por FAISCA

O CONCERTO DAS FINANÇAS
OU: AS NOTAS NOVAS



IV

GUERRA JUNQUEIRO
PROMETEU

(...MAS NÃO CUMPRIU)

Silêncio colossal, ciclópico, infinito!
O velho Prometeu na rocha de granito
Fixa raivoso o céu impávido e sereno,
Maior do que Catão maior que o Nazareno
Forte como o Dever, recto como a Justiça
Revoltada, brutal, intrépida, insubmissa!
Como os cactos de luz nas noites sem luar,
Tristes como a tristeza oceânica do mar!

E fala Prometeu: «Roubei o fogo eterno!
«Esse fogo em minh'alma é como acceso inferno!

Calou-se Prometeu.

Na Natureza em calma
Fecharam-se a tremer as pétalas da alma.
A ilôr do sentimento essa mística flôr
Que faz dum santo um réu, dum Deus um salteador.
Abria-se ao relento histórico nocturno
Como se abre um rosal á luz do sol diurno!
Ouviam-se as canções das ceifeiras no prado.
A lua num clarão, qual crâneo decepado
Ou Cezar triunfal, rolava pelo azul!

Entretanto Senhor, na grande Babilónia
Lateja a Dôr Humana, o Vicio, o Mal, a Insónia!
Escândalo fatal, Satan nas trevas mudas!

Quem me dera sentir o teu remorso ó Judas
Quem me dera possuir a fibra dos heróes,
Quem me dera almoçar o excremento dos bois
Como outrora Daniel nas ruas da judeia!
Oh! crentes, como vós, eu tenho a mesma ideia!

Minha mãe! Minha mãe! Lá vem a estrela d'alva
Branca como a inocência ou a cabeça calva
D'um antigo alquimista!
Vem cantando e fulgindo!
O' mãe, vamos seguindo,
Que Deus é imortal e o Pápa é um fadista!

É poeta e vende aguardente. Diz-se revolucionário, e socialista, mas é rico. Entrou para a política, mas... tremeu... tremeu... tremeu... e acabou se silenciando.

Tinham-nos dito: quando sair o Canto saem as notas. E assim foi. A Moeda soltou há dias os primeiros compassos da sua grande partitura, levando assim a palma a S. Carlos, que não pode abrir por para o fim da semana devem estar de cócoras.
No verso — tratando-se de notas é natural que haja verso — é que há uma certa desafinação que pode vir a causar embaraços nas transacções,



não ter no seu repertório uma ópera onde entrem polícias e os polícias não quererem sair da caixa do teatro.

Mas... reatando: foi um sucesso. Musicalmente, as notas são bem feitas, harmoniosas e expressivas. Talvez mesmo um pouco expressivas na sua significação avançada... Aquêlê operário despido, a fazer a propaganda pelo iato e que está a mandar parar os navios e a fábrica

porque a gente está a ler na cara da nota que ela é de dez centavos, volta-a e pela parte de trás tem dez escudos! V. Ex.ª contem e verão: dez perfeitíssimos escudos. O resto magnífico: côr vermelha, justa. O dinheiro é sangue. Apenas notaremos que nos dizeres há *bronze* a mais, e quanto aos tostões serem de bronze não é novidade. Já houve um Padre Santo que também os tinha do mesmo metal e chamava-lhes *dinheiro de S. Pedro*.



do gaz, já deu maus resultados. A iluminação está péssima e cara e os papéis da Empresa Nacional de Navegação baixaram tanto que lá

A estes também se pode chamar *dinheiro de S. Paulo* que, se não me engano, é onde mora a Casa da Moeda.

TRANSCRIÇÕES

Deram-nos a honra de transcrever duas páginas do *Riso da Vitória* na revista espanhola *Nuevo Mundo* e o jornal humorista de Paris *Le Rire* a quem muito agradecemos a preferência.



UM GUINCHO DA ALMA LUZITANA! O POETA "SEVILHA" ANEXA OLIVENÇA A PORTUGAL!!!

QUEM É O GRANDE PATRIOTA — SEVILHA E D'ANNUNZIO — O GRANDE GESTO — AS MENSAGENS — ADESÕES

Acabamos de cair das nuvens! Olivença, a célebre vila portuguesa que a Espanha tinha traduzido para espanhol, acaba de cair nas unhas rosadas do poeta Sevilha!

Sevilha, o delicado poeta que todos estimam muito em conhecer, é um joven de trinta e seis primaveras novíssimas, escuro de pele e de cabelo, e que usa uma barba muito postiça com que tapa um queixo mais que natural. É de notar as seguintes semelhanças entre Sevilha o conquistador de Olivença e Gabriel d'Annunzio o conquistador de Fiume.

1.º — D'Annunzio sabe pouco e anda de aeroplano. Sevilha sabe muito e anda a cavalo.

2.º — D'Annunzio perdeu um olho sem saber como. Sevilha também perdeu um olho e diz-se que foi um cocheiro que o encontrou mas que não o tornou a dar.

3.º — D'Annunzio é coronel. Sevilha vai para o major.

4.º — D'Annunzio escreveu o "Fogo", Sevilha escreveu o "Oasis", que é um sítio onde também não há água.

Pois foi este herói que com uma pitada de livros debaixo do braço entrou por Olivença dentro, e pôs em debandada a guarnição só com a leitura dos seus versos!

A recepção do povo foi uma apo-

teose de ouro, incenso e mirra! As mulheres formaram uma bicha como aquelas do açúcar e ofereceram-lhe bouquets de batatas, grinaldas de garrafas de azeite pelo preço da tabela, etc. O herói então, voltou-se para os homens, e em vós sustentada pela comoção leu a seguinte mensagem:

«Filhos de Olivença! De «umilima poeira um tenue «grão, mas com a alma tá- «bida de imprecavida ce- «leuma, eis-me alfim fron- «teiro a este insólito desdo- «bramento da muzitada ter- «ra Portuguesa!

«Sevilha está convosco!

(a) Sevilha

- Do Instituto de Coimbra
- De la Real Academia Galega
- De la Real Academia de Malaga
- Da Academia de Roma
- Comendador de Isabel a Católica

O efeito produzido por esta proclamação não se descreve por que não há tempo. Os homens beijavam-no, as crianças cantavam as «Páginas d'Album» e as mulheres chamavam-lhe coisas!

Então um moço mais alentado e

façanhudo, sai do grupo dos naturais, e mezurando-se, dirige a Sevilha esta resposta:

Euterpe sobre vós derrama a luz mimosa que traz nos raios seus, o som e a melodia, e ouvindo-vos tocar — ó casta e nivea rosa — sorri-se Terpsichore e Erato se extasia!

Sevilha ao ouvir isto, desmonta, limpa-se da poeira, ordena que os homens se ponham atraz uns dos outros como para baterem o fado, e éle próprio fecha a roda!

O govêrno português mal soube do gesto de Sevilha, mandou um galego com uma carta ao govêrno espanhol dizendo que reprovava o acto de Sevilha.

Até á hora a que escrevemos o Poeta tem recebido os seguintes telegramas de adesão.

SEVILHA-OLIVENÇA. Ao seu lado para tudo. Mande dizer, se Olivença tem Rossio.

(a) A. Tota.

SEVILHA-OLIVENÇA. Parto primeiro combóio a proclamar República,

(a) Machado Santos.

SEVILHA-OLIVENÇA. Alu-

gue teatro. Anuncie Palmira e Brazão na «Morgadinha».

(a) Oalhardo.

SEVILHA-OLIVENÇA. Mon- to sucursal Dejurativo.

(a) Dias Amado.

SEVILHA-OLIVENÇA. Re- meto vinte e seis ideias.

(a) João Verdades.

SEVILHA-OLIVENÇA. Com- pre terreno, Banco Colonial, para achatar agência ultramarina.

(a) Soto Maior.

SEVILHA-OLIVENÇA. Sigo primeiro combóio especial, anun- cie chegada verdadeiro presi- dente da República. Tenha crian- ças estação.

(a) Bernardino Machado.

LUIS DE SOUSA.



DE CACETE Á ESQUINA

DESVARIOS.

Por Maria José.

Quem lê o seu livrinho, não sa- be se ha-de ir procurar o malandrão

que lhe fez aquela partida e partir- lhe a cara, ou se o ha-de procurar felicitando-o por lhe merecer aquê- les sonetos! Gostamos! Palavra de honra! Gostamos. Não vá pensar que escreveu os Lusíadas ou que fez qualquer coisa extraordinária! Não! Mas, assim está bem, não é dema- siado piegas, nem tem a pretensão de invadir o sexo forte com filiasias já muito batidas. Sentiu e escreveu bem. Não se julgue um protento e faça mais, que livros daqueles... leem-se.

JOÃO BAETA.

"REVISTA DE TURISMO"

Recebemos e agradecemos este quizenário de propaganda de que é director o sr. Agostinho Lourenço.

Leal da Câmara

O «Riso da Vitória» publica- rá no próximo número uma pá- gina do insigne artista LEAL DA CAMARA, o grande caricaturis- ta do «Assiette au Beurre» e inciador da patriótica tarefa de fundar na Flandres uma AL- DEIA PORTUGUESA.

No Campo de Aviação da Amadora



—O almocinho xá aqui be", dgó- rá o tal airoplano é que nunca más chega!

Número avulso 5 cen- tavos.

O ENTRINCHEIRADO



—Mas tu disseste que casavas comigo!

—Isso era se eu morresse!

PREMIÈRES

"A DAMA BRANCA, OU A D. LUCINDA TEM MAU GÊNIO, NO THEATRO DO GIMNÁSIO

Abre a peça com uma conversa fiada pela D. Laura Hirsk ao sr. Seixas Pereira que vem mascarado de António Preto. Como aquilo já dura há bastante tempo entra o sr. Tomé Bazílio muito atrapalhado porque se ia perdendo dentro do jaquetão, e começa aos pulinhos e

a abrir os braços assim como quem está a aprender a nadar. O sr. Conde (a peça também mete aristocratas) que é um médico de chicote, diz-lhe então que lá na terra não há barbeiros que lhe cortem o cabelo e que esteve tanto tempo a espera d'ele que até as botas lhe cresceram. Nisto entra uma menina muito loura que diz que se chama Luzitânia e que está prestes a ir ao fundo se não lhe acodem. Então entra a D. Lucinda vestida de clerical e diz com voz muito grossa que aquilo da Lusitânia é *fita*, e então a D. Julieta entra toda a tremer e a

gaguejar com duas argolas nas orelhas que a gente até sente vontade de abrir um Cristo! A D. Lucinda zanga-se, um sujeito com dores na cabeça que se anda a meter pelos cantos raspa-se sem dizer agua-vai, e o pano de bôca que não pode agüentar com tanto anúncio, deixa-se cair.

No segundo acto, a D. Lucinda cada vez mais zangada dá uma corôa ao Tomé para ir ao animatógrafo e vai ás compras. Nisto o sr. Conde que ainda não cortou o cabelo nem descalçou as botas, diz que a D. Lucinda tem muita razão e

entra o sr. Miguel Diniz, muito pinoca, que vem dizer á gente que o pai d'ele era um marau que não respeitava menores. Com toda a pena a Luzitânia chora e a D. Lucinda entra outra vez dizendo que tudo aquilo foram intrigas da vizinhança mas que ela vai proclamar a República lá em casa. Aparece outra vez o Miguel que se não chora está mesmo «aquasi» e por fim a D. Lucinda diz que aquilo tudo foi equívoco e vai lá dentro, enquanto o pano cai e a gente se farta de lhe dar palmas.

BOECIO.